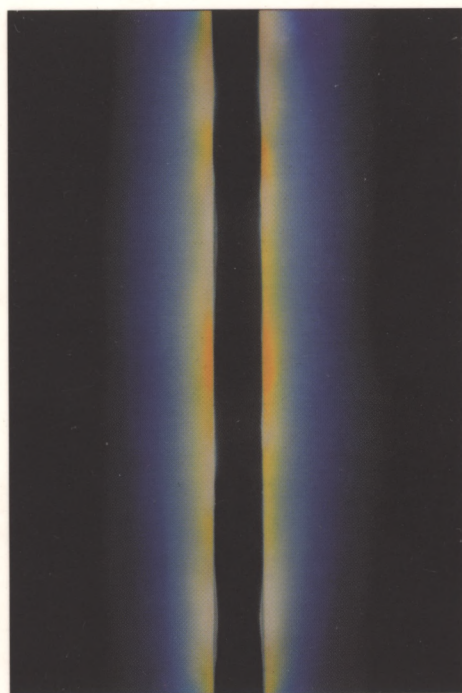


REVISTA DE  
**HISTÓRIA**  
**DAS IDEIAS**



TOLERÂNCIAS, INTOLERÂNCIAS

VOLUME 25, 2004

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## ACTIVIDADE CIENTÍFICA E NOTICIÁRIO

### IDEIAS DE EUROPA: QUE FRONTEIRAS?

Entre 12 e 21 de Fevereiro de 2004 teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra o Curso Intensivo/IP – Programa SOCRATES, subordinado ao tema **Ideias de Europa: que fronteiras?** A coordenação científica foi da responsabilidade de Maria Manuela Tavares Ribeiro e contou com o patrocínio da Comissão Europeia, Reitoria da Universidade de Coimbra, Divisão de Relações Internacionais, Imagem e Comunicação da Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Instituto de História e Teoria das Ideias, Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra (CEIS20) e de outras instituições. Com um carácter interdisciplinar e multi-focal, nele foram debatidas múltiplas questões que actualmente preocupam europeus e não-europeus. Contou com a presença de especialistas – em ciência política, literatura, história, filosofia, geografia, economia e direito – das Universidades de Coimbra, Lisboa, Porto, Minho, Católica de Lisboa, Açores, Salamanca, Estrasburgo III, Cracóvia, Atenas, Hannover, Oradea, Brasília, Reims, Montpellier 1 e Moscovo. O Curso dirigiu-se a professores, a investigadores, a estudantes nacionais e estrangeiros oriundos de diversas Universidades, alguns deles a frequentarem o *Master in European Studies* “O Processo de Construção Europeia”, nos módulos especializados de Salamanca e de Estrasburgo.

À semelhança dos dois já realizados em 2002 e 2003, este Curso teve como linha directriz uma componente inter-continental, inter-nacional, inter-institucional, um carácter inter-disciplinar, a prática do plurilin-

guismo (português, espanhol, francês, inglês, italiano) e ainda a interligação de instituições de docência e de investigação. Destaca-se das comunicações apresentadas a interação de temas e questões sobre o espaço, o político, o social, o cultural, o religioso: José Reis, *Governança e Territórios da Europa: Hipóteses sobre um sub-federalismo europeu*; Lúcio Cunha, *Europa: diversidade paisagística e fronteiras naturais em movimento*; Rui Cunha Martins, *Das fronteiras da Europa às fronteiras da ideia de Europa (o argumento paradigmático e o argumento integrador)*; Rui Manuel Moura Ramos, *A cidadania da União Europeia*; Carlos Reis, *Fronteiras da ficção, espaços na ficção: a questão europeia*; Georges Contogeorgis, *L'Europe culturelle et la géopolitique*; Mercedes Samaniego Boneu, *Las fronteras socio-culturales de la Unión Europea*; Nicole Pietri, *La nouvelle frontière extérieure orientale de l'Union européenne*; Stefan Bielanski, *L'evoluzione nel concetto della frontiera orientale dell'Europa nella storiografia polacca*; Andrej Pankowicz, *Evoluzione delle forme dell'autogestione territoriale nell'Europa Centrale*; Procopis Papastratis, *A New Frontier or End of an Era: The Bologna Process and the transformation of the University*; Ioan Horga, *La Roumanie et la question de ses frontières dans le contexte de l'intégration à l'Union Européenne*; Ines Kathenhusen, *Germany's politics toward European integration with special emphasis on the 'Ostpolitik'*; Estêvão de Rezende Martins, *Identidade e diferença: o Processo de União Europeia visto desde a América Latina*; Paul Allières, *Pouvoir et territoire: les nouvelles frontières d'un fédéralisme européen*; Jean-Pierre Colin, *La nouvelle frontière de l'immigration*; Yuriy Pochta, *The Ideas of postsoviet Russia about Europe*; Renaud de La Brosse, *Espace médiatique européen et "communauté de destins": complémentarités ou oppositions entre échelles continentale, nationale, régionale et locale?*; Carlos Cordeiro, *Os Açores e a navegação transatlântica: olhares do 'Outro'*; Maria da Conceição Meireles Pereira, *"Ocidente" – Imagens e Fronteiras da Europa e da Cultura Ocidental (1938-1948)*; António Martins da Silva, *A Europa do futuro e o futuro de Portugal*; D. Manuel Clemente, *Religião na Europa: uma fronteira aberta*.

Do programa destacou-se também a apresentação pública do livro *Europa em Mutação: Cidadania, Identidades, Diversidade Cultural*, coordenado por Maria Manuela Tavares Ribeiro (Coimbra, Quarteto Editora, 2003, 336 p., n.º 4 da Coleção *Estudos sobre a Europa - CEIS20*), feita pelo Dr. Guilherme d'Oliveira Martins, que abordou o tema *Cidadania, Constituição Europeia, Diversidade Cultural*.

Teve ainda lugar uma mesa-redonda sobre o tema *Europa – Novas Fronteiras*, com a participação de estudantes nacionais e estrangeiros.

Realizaram-se visitas de estudo e espectáculos de natureza cultural, estimulando o contacto entre professores e estudantes. Para a organização deste Curso Intensivo muito contribuiu o trabalho desenvolvido pelas Dr.<sup>as</sup> Rita Correia, Maria do Rosário Azenha e Isabel Luciano, bem como do sr. Gonçalo Luciano, D. Ângela Lopes e Lurdes Ventura. Na sessão de abertura estiveram presentes diversas individualidades civis e académicas.

O balanço crítico deste Curso Intensivo/IP foi feito na sessão de encerramento através dos comentários da Prof.<sup>a</sup> Doutora Mercedes Samaniego Boneu, da Universidade de Salamanca (*Ideias de Europa: que Fronteiras?*), do Dr. Sérgio Neto, da Universidade de Coimbra (*A Europa sob o signo de Beethoven – algumas palavras em jeito de comentário*), e ainda dos estudantes estrangeiros.

As Actas deste Curso Intensivo *Ideias de Europa: que fronteiras?* (Coimbra, Quarteto Editora, 2004, 445 p.) foram já publicadas, sendo a sua apresentação feita pelo Prof. Doutor Adriano Moreira, na Universidade de Évora, em 28 de Outubro de 2004, durante o Congresso da Associação de Professores de História que se realizou naquela Universidade de 28 a 30 de Outubro de 2004. No dia 10 de Dezembro de 2004, teve igualmente lugar, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, uma nova apresentação. Nesta ocasião, o Prof. Doutor Adriano Moreira proferiu a intervenção que de seguida se transcreve.

*Este livro aconselha a ponderar os seguintes pontos: a qualidade científica da coordenação e das contribuições; a oportunidade do livro; as perspectivas abertas pela investigação levada a cabo. Quanto ao primeiro tema, deve evidenciar-se a dedicação como a Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Manuela Tavares Ribeiro acompanha os problemas da evolução europeia, investigando, estimulando a investigação, coordenando investigadores, ensinando, e prestando ainda à comunidade o serviço de lhe despertar o sentido cívico de responsabilidade pela nova evolução que atinge muitos valores e conceitos seculares, aprofundando a dialéctica entre a identidade nacional e a identidade europeia, a articulação entre a pilotagem política do Estado nacional e a pilotagem política do interesse comum europeu, a harmonização das responsabilidades da cidadania perante a comunidade nacional, perante a comunidade europeia, e finalmente em resposta ao globalismo que tudo condiciona. Mais uma vez, abordando agora o tema europeu – Ideias de Europa: que fronteiras?, reuniu um grupo altamente qualificado de académicos que se responsabilizou pelo Curso Intensivo (Fevereiro 2004) que o livro documenta. E não se trata apenas de o tema dizer respeito a*

*todos os povos europeus, trata-se de europeus de todos os seus povos terem convergido na meditação, na propedêutica, e na prospectiva. De facto, o livro é uma manifestação palpável da rede universitária que se consolida na Europa, resposta que vai concretizando aquilo que parece a utopia da Universidade mundial, com expressão na Universidade da ONU que não tem campus, não ensina, não investiga, mas vai pilotando a utopia.*

*Depois, a oportunidade do tema das fronteiras, cujo conceito europeu sofreu uma evolução acelerada, sem precedente no passado. Lembremo-nos que não existe fronteira geográfica europeia que não tenha sido traçada por acto de guerra, e que a sagração pelos valores nacionais teve no sangue derramado o seu alicerce. Alguns dos povos europeus são exemplos dramáticos dessa história, talvez servindo de exemplo o caso da Polónia, que um analista surpreendido disse tratar-se de um povo mal estacionado, tantas são as violências territoriais que sofreram. Verdadeiramente, os povos europeus, separados por fronteiras geográficas, nunca foram verdadeiros vizinhos, foram sobretudo inimigos íntimos, dramatizando a história europeia com guerras civis que por duas vezes chamaram mundiais.*

*Esta situação, mal estratificada pelo decurso do tempo, bastando lembrar o caso da Hungria, e em virtude da evolução da União Europeia, fez com que as fronteiras geográficas evoluçõessem para apontamentos administrativos, diminuídas de significado pela livre circulação de pessoas, mercadorias e capitais.*

*Todavia, as questões da segurança, do alargamento, e das migrações, trazem uma complexidade nova à problemática das fronteiras. Em primeiro lugar a segurança que, por meio século, fez emergir a fronteira da NATO como superadora das antigas fronteiras geográficas, e que agora fez emergir uma dialéctica entre o americanismo e o europeísmo, a suscitar uma fronteira, insuspeitada durante a guerra fria, a formar-se no Atlântico: a questão cultural e geopolítica desafia a criatividade.*

*Por seu lado, as migrações, em grande parte descontroladas, e muito dinamizadas pela teologia de mercado que se tornou padrão globalizante, como que inverte alguns séculos de história trazendo os trópicos para a Europa, e dando nova feição à velha questão das minorias. O multiculturalismo desafia os contornos da identidade europeia, a problemática dos direitos fundamentais e dos seus limites torna-se mais complexa, o Tribunal Europeu dos Direitos do Homem e as convenções e declarações em vigor apontam para novos quadros dos direitos das minorias nacionais, encarando o estatuto dos estrangeiros e a sua incorporação nacional. De facto, o secular multiculturalismo europeu, de que Luís de Camões se apercebeu com tanta lucidez, muda-se em multiculturalismo na Europa, em termos de*

*provocar a hesitação sobre se ainda é de referir o legado cristão como componente essencial da identidade europeia, hesitação que não deriva apenas do laicismo de Estados que pesam no processo europeu, também resulta da presença de quinze milhões de muçulmanos.*

*Um tema que está intimamente relacionado com as fronteiras do alargamento, e que tem como desafio imediato a questão da adesão da Turquia à União Europeia. Temos vantagem em repetir algumas observações que antes deixei dispersas.*

*O tema das fronteiras foi longamente tratado mas apenas das fronteiras geográficas, em regra traçadas por acto de guerra entre os países europeus, e sacralizadas pelos valores nacionais. O originário conceito das comunidades europeias, com que se procurou neutralizar a perigosidade, repetidamente demonstrada, da vizinhança franco-alemã, e que orientou a estratégia de mercado, viria a modificar radicalmente o valor histórico das fronteiras territoriais europeias. A livre circulação de pessoas, de capitais, e de mercadorias, foi relegando as fronteiras geográficas para simples apontamento administrativo, com a política de segurança a implantá-las abrangentes e longe, no caso para coincidirem com a definição da área entregue à responsabilidade da NATO. Foi no espaço desta última, e aprofundando o seu conceito de base que levou a liberdade do Atlântico aos Urais, que entretanto se desenvolveu a política de alargamento da União Europeia, ao mesmo tempo que despontavam os atritos entre o americanismo e o europeísmo. Esta aproximação das fronteiras políticas da União Europeia das fronteiras de segurança, que nasceram atlânticas, conduziu à necessidade objectiva, mais imposta pela evolução do sistema do que pela internacionalidade dos governos, de avaliar a articulação do conceito comunitário com o conceito de aliança, uma exigência nascida sobretudo da questão da Turquia. Por muito que uma engenharia política tente organizar a resposta com a frieza das teorias de gestão, a história persiste em estar presente, recordando que a aliança com a Turquia não foi um recurso da nova inovação, porque, por piores razões, já Francisco I a considerou necessária em 1536, e que no século da guerra fria se baseou com realismo na existência de um inimigo comum. Mas a conversão do modelo da aliança, quando o inimigo histórico desapareceu da conjuntura, em integração comunitária, é um passo meditado na mesma data em que o terrorismo global agudiza a urgência de ter política que impeça o êxito de implantar o conflito cultural dentro dos territórios europeus onde vivem muitos milhões de muçulmanos ainda em processo de integração, que será longo, mais a indisponibilidade de uma política de cooperação pacífica com todas as margens do Mediterrâneo, e ainda a inevitabilidade de incorporar as autonomias que venham a definir-se quando estiver findo o desabar da construção do Marechal Tito, tudo com a referência*

*muçulmana a ligar as referências. Enquanto a segurança foi a da guerra fria, a evolução europeia foi sucessivamente marcada pela eliminação da conflitualidade histórica dos vizinhos do Reino, pela implantação do mercado, pela engenharia eurocrática de uma pilotagem política, que assumisse a Europa social e das regiões, para finalmente na Cimeira de Copenhaga (1973) fazer uma declaração sobre os valores europeus, encaminhando a Convenção para assumir em Estugarda (1983) a questão identitária. Jean Monnet apercebeu-se de que teria sido indicado começar pela cultura, mas nos tempos da sua gloriosa intervenção as fronteiras da Europa não eram pensadas em termos de segurança própria, ao contrário do que se passa nesta data. É um desafio de Estado encontrar a fórmula que faça convergir as afinidades identitárias europeias, tão variadas e nem sempre bem harmonizadas, com a visão e experiência da segurança partilhada dentro da NATO, da qual foi apropriado o conceito da marcha até aos Urais, e a cooperação de meio século com a Turquia igualmente ameaçada. A meditação sobre a identidade europeia foi desafiada e aprofunda-se, a tentativa de organizar o perfil específico da entidade política europeia continua sem perspectiva segura, a substituição do modelo da aliança pela da integração não se apoia no conceito comunitário matricial, o precedente que for definido servirá de referência para a política europeia num Mediterrâneo turbulento. Não é fácil encontrar um conceito estratégico que supere a diferença experimentada e vivida entre as afinidades comunitárias e as solidariedades da aliança, sem mudar mais uma vez a perspectiva da Europa em formação. Sobre este ponto as referências são escassas, e a prudência não as dispensa.*

*O tema das fronteiras é pois exigente para o exercício da cidadania, que se desdobra em nacional, europeia, e mundial. A meditação universitária presta à comunidade o serviço que lhe pertence de alertar para a conjuntura móvel, e para as soluções alternativas. Este livro – Ideias de Europa: que fronteiras? cumpre com rigor esse dever.*

Adriano Moreira